

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS/ESCULTURA

DOCUMENTO EXPERIMENTAL

A paternidade como construção de arte-vida



BRENNO DE CASTRO

Rio de Janeiro
2019

BRENNO DE CASTRO

DOCUMENTO EXPERIMENTAL

A paternidade como construção de arte-vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais - Escultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais - Escultura

Orientador: Prof. Floriano Carvalho de Araújo

Rio de Janeiro
2019

BRENNO DE CASTRO

DOCUMENTO EXPERIMENTAL

A paternidade como construção de arte-vida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais - Escultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais - Escultura

Apresentado em 11 de dezembro de 2019

Banca examinadora:

Profa. Beatriz Pimenta Velloso
Dra. em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRJ

Profa. Maria Elisa Campelo de Magalhães
Dra. em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRJ

Prof. Floriano Carvalho de Araújo
Dr. em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRJ

Resumo: O trabalho aborda questões afetivas presentes na paternidade/maternidade e no cuidado compartilhado, e relaciona essas questões à produção artística do autor e à apresentação dessa produção ao mundo, baseando-se nos conceitos de arte-vida e arte de manutenção.

O objetivo é desenvolver reflexões sobre essas relações a partir de experimentos cotidianos propostos e praticados pelo autor e sua companheira, que resultam em relatos dos mesmos e em obras baseadas nessas vivências.

palavras chave: arte-vida, arte de manutenção, paternidade,

Dedico esse trabalho a toda
a minha experiência de paternidade

Agradeço aos meus pais, pelo apoio e suporte
ao meu amigo Romano por toda generosidade
aos colegas de bosque, pela vivência
à Erica Leonardo pela amizade e mensagens periódicas na autoestima
ao Heyk aos 45 do segundo tempo
à Beatriz, pela caminhada compartilhada

“Viver é um rasgar-se e remendar-se”.

Guimarães Rosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	p.09
DEPOIMENTO DE MINHA COMPANHEIRA, BIA _____	
p.12	
Experimento 1 - Filho no Mato _____	p.12
Experimento 2 - Cuidar da ferida _____	p.13
Experimento 3 - Casa Coletiva _____	p.16
Experimento 4 - Salário maternidade _____	p.16
Experimento 5 - Alternância de cuidado / Alteridade _____	p.17
SOBRE A NOÇÃO DE EXPERIMENTO _____	p.18
FORMALIZAÇÃO ESTÉTICA 1 _____	p.19
DEPOIMENTOS DE MÃES ARTISTAS _____	
p.21	
1) Entrevista com Hevelin Costa _____	p.21
2) Depoimento de Maria Eduarda Magalhães _____	p.22
MINHAS RESPOSTAS _____	p.24
3) Entrevista comigo mesmo _____	p.24
CONCLUSÃO _____	p.27
FORMALIZAÇÃO ESTÉTICA 2 _____	p.28
BIBLIOGRAFIA _____	p.29

INTRODUÇÃO

A monografia trata da proposição de um olhar afetivo sob a perspectiva de uma posição não tradicional do homem em relação à paternidade a partir de uma vivência e da possibilidade de transmissão de informação sobre questões relativas ao machismo e ao feminismo político. Trata-se também da consciência desse homem e da sua necessidade e responsabilidade de assumir um compromisso com uma busca para encontrar e entender o seu lugar no movimento de contínua desconstrução do machismo.

A monografia situa esse trabalho entre outras proposições artísticas ligadas à maternidade, como as de Mierle Laderman Ukeles e Mary Kelly, protagonistas do movimento conceitual e feminista na arte, que enfocaram seus trabalhos na exposição do caráter íntimo e afetivo das ações intrínsecas à maternidade.

A obra mais polêmica de Mary Kelly 'Post-Partum' forma uma base importante para a discussão sobre a maternidade na arte até hoje. Kelly evitou uso expositivo da sua imagem e da criança ao estruturar seu trabalho a partir da gravidez e a relação com seu filho, buscando na psicanálise conceitos teóricos para criar uma distância crítica na construção do trabalho. No caso desse documento, não optei pelo uso da psicanálise pois não pretendia a distância crítica. Optei pela aproximação justamente para romper a distância heteronormativa entre pai e paternidade. E escolhi experimentar e posteriormente 'expor' a alternância do papel de cuidado que tradicionalmente é imposto à mãe.

Antes da paternidade, minha trajetória artística e acadêmica era alimentada por afetos provenientes da urbe e da minha relação com o mundo a partir, e somente, da minha individualidade. E meus trabalhos eram basicamente frutos dessa relação.

Após a minha primeira paternidade, vivi um estado de incompletude e incompreensão sobre a consciência da transição pela qual estava passando. A maneira que encontrei de sair de um bloqueio artístico paralisante foi aceitar e usar a condição paterna como alimento afetivo e criativo transformando a minha trajetória e meu trabalho numa produção artística de forte conteúdo autobiográfico.

Na escassez de trabalhos artísticos referenciados pela paternidade, encontro no trabalho de Mary Kelly um referencial fundamental para situar-me dentro da historiografia da arte. Outro trabalho que me pareceu pertinente, foi o de Mierle

Ukeles, mais especificamente o conceito de *arte da manutenção* que propõe que o trabalho de cuidado é arte porque também envolve criatividade, desafio e trabalho emocional. Nas próprias palavras de Ukeles:

A manutenção tem a ver com a sobrevivência, com a continuidade ao longo do tempo. Você pode criar algo em um segundo. Mas seja uma pessoa, um sistema ou uma cidade, para mantê-la, você precisa continuar. Acho que uma coisa que devemos fazer é valorizar e aprender com aqueles que prestam este serviço. (apud.: UKELES, 2019, online)

Ukeles reconhecia o trabalho árduo da maternidade, incluindo cuidar dos filhos e tarefas domésticas como uma espécie de trabalho de manutenção, e queria tornar esse trabalho visível enquadrando-o como uma prática artística. Expandindo a idéia de ready-made, afirmava que ações, hábitos e atividades cotidianas, particularmente aquelas realizadas por mulheres e pessoas da classe trabalhadora, podem ser também arte.

O trabalho aqui apresentado é uma das raras proposições que optam por registrar as relações do trabalho pela visão paterna, em acordo com minha companheira, militante feminista, e a partir do momento em que várias ações não-normativas do artista o qualificaram para isso. Escolho apresentar o depoimento de minha companheira para pôr à prova minhas afirmações contidas nesse experimento. Creio eu, ser esta uma rara e afetiva monografia, que busca refletir sobre algumas relações e lugares de poder machistas e limitantes, presentes desde o exercício de criação de filhos, em escala progressiva, até o mercado de arte.

A partir do ponto de vista paterno, complementado por outros pontos de vista, os relatos apresentam as escolhas e a postura política de um indivíduo no papel de *pai*, pretendendo defender legitimamente a situação de sua companheira, buscando subverter o padrão geral de comportamento masculino, e conscientemente reconhecendo que seu processo de desconstrução deve ser visto como uma responsabilidade permanente, e não como um ato heroico e extraordinário.

A monografia situa-se basicamente numa perspectiva de arte-vida, onde arte contemporânea é lida como ação e política no mundo, aqui e agora, em uma visão

da produção de arte como ativismo, mas partindo de relações de intimidade para apontar principalmente a obra em exposição e as práticas não tradicionais investigadas e desenvolvidas pelo casal, como a produção de conhecimento resultante desse processo.

Caberia ainda dizer que esse será sempre um programa *in progress* como afirmava Hélio Oiticica. E não pretende buscar resultados ou valores, mas o processo afetivo em si, a *equidade e a sublimação da vivência como obras*.

Assim como os processos afetivos descritos na monografia, a escolha do formato da escrita também propõe uma mudança no padrão tradicional de apresentação de trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, legitimando-se em formas experimentais de escrita criativa a partir da perspectiva do autor, aceitas pelos organismos de pesquisa para cursos que têm o conteúdo teórico-prático.

Escolhi como método de pesquisa/ação, entrevistas sobre o exercício cotidiano de práticas experimentais de relacionamento, investigadas e praticadas pelo casal com filhos, e a possibilidade de fazer uma leitura dos resultados dessa experimentação como uma produção de conhecimento empírico a partir de uma perspectiva artística.

DEPOIMENTO DE MINHA COMPANHEIRA, BIA

Relato do experimento arte-vida.

Questão Central: Quais práticas experimentais não normativas foram exercitadas pelo casal no seu percurso citado como arte?

Experimento 1 - Filho no Mato

Assim que descobrimos a gravidez, tivemos a certeza de que não queríamos parir num hospital/maternidade. A partir dessa certeza, começamos a pesquisar sobre partos domiciliares planejados. As enfermeiras aqui do Rio de Janeiro cobravam um valor muito acima do que nós esperávamos, então recebi recomendações de um grupo de enfermeiras obstétricas de Florianópolis, liguei para elas, conheci o trabalho e tivemos a certeza de que gostaríamos de fazer uma viagem para ter o bebê.

Brenno desde o início me trouxe a segurança de que o parto que eu gostaria de ter era aquele em que ele estaria junto comigo. No quarto mês de gravidez, alugamos uma casa em Florianópolis por 3 meses (janeiro a março de 2015). Chegamos na ilha em dezembro e ficamos turstando na cidade. Um dia antes de nos mudarmos para a casa planejada, recebemos a notícia do proprietário dizendo que não iria mais nos alugar. Devolveu o dinheiro e ficamos na primeira semana de janeiro pesquisando casas. Só que em alta temporada era tudo muito mais caro e ninguém queria alugar por 3 meses e ainda menos para receber um casal que faria um parto domiciliar. Soava quase como uma maldição, em caso de acontecer algo de errado no parto, a casa ficaria marcada com essa energia ruim. Então, foram mais de 10 casas que nos negaram por conta do parto domiciliar.

No final das contas, fomos recebidos por uma comunidade do Santo Daime na Vargem Grande da Ilha. Já não era mais o clima de praia, a Vargem Grande era uma Floresta de Mata Atlântica e ficamos numa Ecovila, dentro de uma Geodésica. Nem eu nem Brenno nunca tivemos conexão nenhuma com o Santo Daime. Chegamos na época do feitio do chá (ayahuasca).

Brenno me trouxe o desejo de receber o Caetano. Achei isso extraordinário, porque além de proporcionar uma reflexão sobre a sexualidade, a vulnerabilidade da boceta exposta no parto e a desconstrução do medo dessa exposição, foi algo que me encantou. Então, não tive nenhuma dúvida em conceder esse desejo a ele. E foi exatamente o que aconteceu.

No dia 09 de fevereiro eu estava entrando na 40ª semana e recebemos a enfermeira Vânia na cozinha comunitária da Ecovila, tomamos um suco e subimos para o atendimento na geodésica. Vânia me perguntou : "Bia, você está com medo de quê?" E foi então que eu desabei num choro de soluçar a alma. Brenno não entendeu nada, porque até então estávamos super bem, seguros, realizando tudo o que tínhamos planejado. E a Vânia falou : "Chora, chora tudo o que você tiver que chorar". E a consulta foi só isso, o choro. No dia seguinte, na cozinha comunitária, estávamos só eu e ele indo fazer o jantar. E eu desabei no mesmo choro. Brenno, em silêncio, me abraçou e assim ficamos. Brenno em silêncio, eu, deitada no seu colo, chorando muito sem saber o motivo. Hoje entendo esse choro. Foi um choro de luto, de despedida, de morte. Eu chorei minha própria morte, sofri o luto de mim mesma. Assim que eu terminei de chorar, começamos a entrar em trabalho de parto.

Foram 43 horas e a maior parte do tempo estávamos só nós dois. Transamos 2 vezes, caminhamos na floresta, caminhamos na praia, recebemos Ayahuasca do pessoal da igreja e decidi tomar o chá. As enfermeiras foram lá 2 vezes para fazer os exames, e o acompanhamento das contrações era feito pelo Brenno, que enviava as informações para as enfermeiras de hora em hora.

O empoderamento do Brenno no parto é o que me faz narrar o trabalho de parto como nosso, e não como meu. Se não fosse a segurança que ele nos trouxe, acredito que eu não teria conseguido.

Experimento 2 - Cuidar da ferida

Em menos de 30 dias da cirurgia, a pele necrosou e um pedaço da placa e dos parafusos ficaram expostos. Brenno precisava fazer curativos diários. Dependendo do período eram 2 curativos por dia. Foi um período muito dolorido

desde o início. Acho que preciso falar do acidente desde para entender o que foi receber o cuidado da ferida.

Acho que o cuidado da ferida não está só no ato de fazer os curativos, mas teve todo um contexto de cuidados que foram além disso. Cuidados com o bebê (banho, papinha, lavar roupa), cuidados com a casa e conosco (limpeza, comida, lavar roupas) e por fim o cuidado com a ferida. Vou tentar resumir aqui essa história.

Morávamos num apartamento pequeno no Rio Comprido e Caetano tinha um quarto para ele que ficava bem do lado do nosso. Minha memória afetiva desse dia era de que Brenno estava muito em crise com a vida e a pausa das atividades artísticas que ele costumava fazer. Eu, no puerpério, muito sensibilizada e focada apenas nos cuidados do bebê. Era um domingo, 5h da manhã. Como de costume, Caetano acordou para mamar. Todos os dias eu escutava Caetano e acordava Brenno. Brenno levantava, pegava Caetano no colo e trazia ele para a cama para eu dar o mamar. Neste dia eu estava afetada com a crise do Brenno e, mesmo muito cansada, decidi levantar para pegar o bebê. Quando levantei, meu pé estava dormente. Não sei como, mas me lembro de caminhar com o pé dormente. Peguei Caetano, e quando já estava no pé da nossa cama, eu caí. Brenno acordou com o barulho do meu osso quebrando. Foi uma fratura muito feia. Durante meses a lembrança desse dia me vinha como um pesadelo.

Meu sogro nos levou para o hospital e eu não quis ser internada até que Brenno conseguisse um pediatra que encaminhasse qual fórmula de leite seria dada para o Caetano. Minha preocupação estava toda no bebê. Das 6h até as 12h fiquei numa salinha de espera, deitada numa maca com o Caetano mamando e dormindo do meu lado, o tempo todo. Enquanto isso, Brenno foi em busca de um pediatra. Quando ele chegou já com a fórmula comprada, foi o momento da despedida do bebê e de subir para o quarto. Para mim, foi o primeiro momento da dor emocional. Essa separação. Eu pedi muito para o Brenno que somente ele alimentasse o Caetano. Já seria um laço cortado entre nós essa coisa de interromper o mamar e de não estar mais corpo a corpo. Acreditei que a referência do pai seria uma solução mais amena.

Brenno respeitou isso e essa eu acho que foi a primeira prática inovadora dele como pai. Muitas pessoas quiseram ajudá-lo em dar a mamadeira para o Caetano. Desde as avós, até as amigas. Mas Brenno foi até considerado chato porque não permitiu que ninguém alimentasse o bebê. Ele entendeu o nosso

sofrimento e durante os 15 dias em que fiquei internada, Brenno era o pão e a comida do Caetano.

Enquanto eu estava internada, Brenno fez um grupo no facebook que chamou de “Cuidando da Bia”. Ele contatou minhas amigas e, dessa forma, todo esse período eu não fiquei uma hora sequer sozinha. Estava muito bem acolhida. As meninas me ordenhavam, colocavam a comadre para o xixi e o cocô, acolheram meu sofrimento em relação à separação do bebê, acolheram minhas dores: acordavam comigo nas madrugadas de choro pela dor emocional e de choro pela dor física.

Em menos de 30 dias das duas cirurgias que precisei fazer, minha pele necrosou e começou uma saga. Primeiro pelo entendimento da gravidade da situação, segundo, pelo longo e doloroso trajeto que enfrentamos até que eu ficasse curada. A medicina tradicional estava somente esperando a infecção no osso aparecer para que fosse realizada outra cirurgia. Os médicos estavam torcendo para a infecção aparecer somente depois da calcificação da fratura, porque seria um risco muito grande operar com os ossos muito quebrados.

Encontramos um médico da Marinha do Brasil que nos atendeu no social para o acompanhamento da ferida. Eram 4, às vezes 6 horas de espera. Durante os 6 primeiros meses saíamos de casa todas as terças-feiras para o Doutor César acompanhar a ferida. Esse médico era virado na macumba e fui perceber isso no último dia que fomos vê-lo. A voz dele estava diferente e ele se referia a ele mesmo em terceira pessoa. Achei incrível!

Não à toa os cuidados que Brenno teve em relação a ferida foram orientados por ele.

Voltamos agora aos cuidados da ferida. Foram 6 meses em casa sem poder sair para a rua por conta do risco da infecção no osso, que, pra quem não sabe, não tem cura. Uma vez o osso infectado, é necessária a retirada.

Para estimular que a carne ficasse viva, Brenno raspava o entorno da pele até que sangrasse. Era muita dor que acompanhava algumas variantes: grito, choro, ânsia de vômito, mordidas em travesseiro. A dor emocional tomava conta de todas as dores físicas. Eu ficava com uma sensação de estar sendo torturada diariamente. Seis meses depois, não aparecia sinal nenhum de calcificação e a ferida também não fechava. O médico me prescreveu que eu começasse a caminhar para estimular os ossos. Oito meses depois o nosso casamento estava insustentável.

Éramos dois deprimidos que brigavam diariamente e eu não sei nem dizer quais eram os motivos das brigas. Mas chegou num nível em que eu entendi que, ou a gente sairia daquele apartamento ou então a gente se separaria. Foi aí que surgiu o início da Casa Sapucaia.

Experimento 3 - Casa Coletiva

Eu via o fim do nosso casamento. Depois desse período de muita luta pela minha saúde física, não nos atentamos a nossa saúde emocional. Eu não conseguia mais me ver nessa estrutura familiar (mulher, homem, filho). A sensação que eu tinha é que se permanecêssemos assim eu iria morrer. Foi aí que veio a ideia de fundar uma casa coletiva e a ideia de um cuidado compartilhado.

Convidamos alguns amigos para embarcarem nessa com a gente e a Sapucaia foi fundada e funciona desde 2016. Depois descobrimos que existem casas semelhantes com ideias parecidas. A Sapucaia virou meu projeto de mestrado em gestão participativa. Foi lá que Brenno teve seu reencontro com a arte, foi lá que produzimos muitos eventos de arte e lá que minha ferida fechou.

Experimento 4 - Salário maternidade

Antes da maternidade eu sempre trabalhei muito. Tinha uma vida profissional autônoma em ascensão. O fato de ser autônoma e prestadora de serviços, ficar sem trabalho durante 3 anos não me levou a um retorno fácil nessa prática. Eu e Brenno firmamos um acordo a partir do nascimento do Ignácio, toda vez que ele conseguisse um trabalho me daria a metade de sua diária. Hoje em dia, não é sempre, porque estou voltando a trabalhar. Mas sempre que ele trabalha no fim de semana ainda mantemos o acordo. Acredito que eu seja a única mãe que tenha feito essa proposta para o marido/pai dos filhos. E Brenno reconheceu a dificuldade que a maternidade me trouxe na volta ao trabalho.

Experimento 5 - Alternância de cuidado / Alteridade

O cuidado do Brenno com as crianças, no meu olhar, sempre foi para mim um trabalho muito mais de desapego de uma maternidade íntima (a construção social de que mãe é a melhor cuidadora), do que de aceitação do próprio trabalho de cuidado do Brenno para com as crianças. Acredito ser um ato feminista permitir que o pai divida os cuidados em vez de ajudar nos cuidados.

A comida que eu faço é sempre a melhor, é sempre que tem variações nutricionais, de cores de alimento. A comida que Brenno faz é aquela básica: arroz, feijão e um beijo. Sempre critiquei e briguei muito com Brenno em relação a isso, por exemplo. Até que um dia ele me falou que o melhor cuidado, nem sempre é dar o melhor. Que às vezes, o melhor é o que temos para oferecer. Isso me trouxe um empoderamento de cuidados comigo mesma e hoje, muitas vezes eu me permito cuidar melhor de mim mesma do que das crianças. Se deixar, a maternidade pode me transformar em uma pessoa que vive inteiramente para os cuidados dos filhos e acabo esquecendo do meu próprio cuidado. Isso influencia em me transformar, por exemplo, em uma pessoa que estuda, dança, fica bêbada, joga buraco e trabalha.

SOBRE A NOÇÃO DE EXPERIMENTO

Chegamos a noção de experimento a partir de uma apropriação da ideia de “arte experimental” associada a Hélio Oiticica. De acordo com a historiografia da arte, o experimentalismo surgiu em meio às propostas neo-concretas, que procuravam explorar na arte um novo ambiente expressivo e perceptivo, que priorizava a arte enquanto processo contínuo de estudo entre corpo, artista, espectador e obra. O que nos interessa nisso é que esses artistas acreditavam que a ação artística derivava das "experiências vividas", como é meu caso. Nas palavras do próprio Oiticica: "Os fios soltos do experimental são energias que brotam para um número aberto de possibilidades." (OITICICA, 1972, p.6)

O termo experimental serviu para designar a busca de liberdade na utilização de maneiras múltiplas como artifício artístico. Aqui, a obra pode ser considerada parte da vivência do espectador e do artista, desviando o caráter da arte do meramente visual para o domínio experimental.

O que eu quero dizer com esses experimentos? Esses experimentos são eles mesmos a narrativa da arte-vida dessa paternidade, e como já falei acima, uso o depoimento de Bia, como lugar de fala que legitima e põe à prova o meu argumento.

FORMALIZAÇÃO ESTÉTICA 1

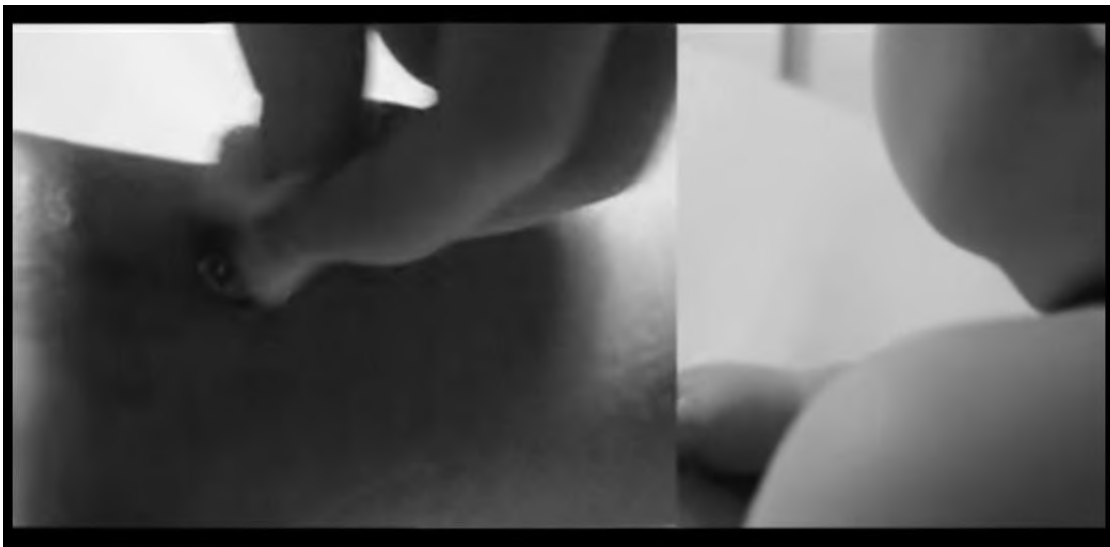
Vídeo arte: *corpo versão 1*

Fotografia: *Foto sem título*

Acessível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=219&v=pfmDhFSZSRw&feature=emb_title

A realidade fragmentada de uma família que tem a mãe acidentada e acamada, um filho de 5 meses e o pai na fusão entre os corpos. O cuidado diário da troca de curativos, os seres que habitam o quarto e a reflexão sobre a dinâmica dos corpos.



Frame de *corpo versão 1*



Foto sem título

DEPOIMENTOS DE MÃES ARTISTAS

1) Entrevista com Hevelin Costa

BC: Como ser mãe afetou a resposta e a reação das pessoas em relação ao seu trabalho de arte?

HC: A primeira resposta foi de uma aula em que eu era monitora há dois anos e me disseram que eu tinha que cuidar do meu filho naquele momento. Meu filho estava com 3 meses, mas eu precisava me sentir viva fazendo o que gostava. Não tenho qualquer rancor quanto a isso pois entendi a preocupação com meu filho, mas faltou preocupação comigo quanto artista.

BC: Como afetou sua carreira?

HC: Parece que temos uma escolha, ser mãe ou ser artista. Ser mãe ou ser profissional. Acho que fica no imaginário das pessoas que se a criança adoecer é a mãe que terá que ficar com a criança. Mas ao mesmo tempo que isso é uma verdade, me deparo com uma briga judicial de guarda para provar ao judiciário que eu preciso estar com meu filho cotidianamente para manter uma rotina dele. Essa disputa de guarda já ocorre há mais de um ano, além da pensão. Preciso ser mãe 24 horas para o mercado de trabalho, mas para o pai do meu filho e o judiciário há mais de um ano eu preciso provar que preciso de apoio financeiro para cuidar adequadamente do meu filho e também resguardar a rotina dele na questão da guarda.

BC: Você já foi discriminada por outros artistas, galeristas, curadores, professores de arte, ou críticos, por conta da sua maternidade?

HC: Como disse antes, pontualmente, algumas ações parecem discriminação, mas também encontro muitos amigos e professores artistas que apoiam, chamam e tentam incluir. A grande questão é que a minha falta de tempo dentro de todos os problemas que ocorrem de disputa de guarda, pensão, minha saúde que vem estando completamente debilitada por falta de autocuidado acabam por me tirar completamente. (...) Edital é algo que não cabe na realidade de uma mãe solo. Então eu acho que mais do que o pessoal, o próprio circuito que já é excludente, acaba por excluir definitivamente as minorias. E para a mãe solo tem muito a ver

com a questão de escolha. Ser mãe não é uma escolha quando não temos leis que garantem o aborto. E mesmo que seja uma escolha, não ter direitos garantidos não é uma escolha e ser mãe solo não é uma escolha. Então se existe diretamente uma ligação com discriminação, eu diria que é a ideia de que a pessoa escolheu uma vida e abriu mão de outra. Isso não existe. Eu, simplesmente, quando decidi ser mãe, eu só dei continuidade a minha vida, de artista inclusive, pois essa também foi uma escolha de que não quero abrir mão.

BC: Como você descreveria as diferenças de tratamento entre artistas homens com filhos e artistas mulheres com filhos?

HC: Sinceramente eu não consigo falar de como homem é tratado, não sou homem. Porém sei dos privilégios masculinos. Então imagino que entre um pai e uma mãe, o pai tem mais privilégios. Se é um pai e uma mãe solo, tem mais privilégios ainda.

2) Depoimento de Maria Eduarda Magalhães

Então, como eu não faço nenhum trabalho de arte desde a gravidez, ainda não senti nenhuma reação neste aspecto. Mas, eu acho que senti alguma diferença de tratamento na relação com o trabalho acadêmico, já que estou fazendo mestrado. Me sinto um tantinho discriminada na faculdade.

Bom, tenho dois relatos de situações que me aconteceram este semestre e que acho que descrevem a terceira questão. O primeiro é sobre uma conferência organizada na Universidade de Lisboa. Moro um pouco longe, então me preparei para passar o dia todo sem voltar pra casa, isso implica em muita fralda, roupa, comida, você sabe. Cheguei um pouco atrasada, mas assisti até o final à primeira mesa. Amora ficou solta e se comportou super bem, brincou, reclamou muito pouco, fez mais sons de euforia. Enfim, tudo certo. Até que veio a organizadora do evento e me pergunta se para a próxima eu não conseguiria controlar a bebê um pouco mais, "agora até não incomodou ninguém, mas para a próxima vamos filmar não pode ter ruído... quer dizer, a fala linda dela" ...ou seja, fui embora.

Depois, foi uma situação mais social. Perguntei no grupinho virtual se podia levar a minha filha à festinha de aniversário da garota da minha turma. Ela nunca

respondeu, nem ninguém. Mudaram de assunto e a vida seguiu. A festa foi semana passada.

Por último, se há tratamento diferente, acho que sim. Mas não sei falar muito sobre o meio artístico em relação a isso, mas se há em todos os outros, com certeza na arte não seria diferente. Mas não tenho como relatar. Acho que aqui em Portugal ainda é mais crítica a situação porque pouca gente tem filhos.

MINHAS RESPOSTAS

3) Entrevista comigo mesmo

Como ser pai afetou a resposta e a reação das pessoas em relação ao meu trabalho de arte?

Farei um breve relato de uma primeira experiência: quando eu frequentava a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e durante justamente a internação da Bia, em que eu e Caetano éramos um só e eu frequentava todas as aulas com ele a tira colo, percebi que eu era lido como o pai da criança, muito antes de ser lido como artista/estudante.

Nesse mesmo ano (2015), fui contemplado com uma menção honrosa na primeira edição do Prêmio Reynaldo Royale. Na cerimônia de premiação, diferentemente dos outros artistas premiados, fui apresentado pela, na época, diretora do Parque Lage, Lisette Lagnado, como o estudante que tinha um filho. Os outros artistas premiados foram apresentados pelos seus nomes, o objeto de suas pesquisas, a trajetória de cada um e o motivo da premiação. Nada foi falado sobre meu trabalho ou qualquer outra característica minha. Somente fui apresentado como o PAI que frequentava as aulas com o bebê.

Logo depois dessa situação eu me distanciei do meu trabalho de arte, em boa parte por conta do meu ceticismo em relação ao mercado da arte, mas também por conta dessa ocasião da premiação, não me pus em situações em que estivesse sujeito a qualquer resposta a algum trabalho de arte autoral.

Como afetou minha carreira?

Em primeiro lugar, *minha carreira* sempre foi para mim um entendimento em construção. E com a paternidade esse entendimento foi se refinando e separando o meu eu *artista* do meu eu *funcional* no mundo material. É muito doido perceber que as questões que precisei resolver estão todas em minha trajetória. Quando eu me dou conta que, há uns 4 ou 5 anos, eu iniciei um processo de negação da necessidade de produzir e de aprender a ficar em paz com o silêncio, foi duro, mas eu consegui manejar de uma forma que transporte o processo criativo para o campo técnico. Um campo em que me descobri muito mais à vontade e seguro.

Ainda assim, não abandonei o exercício criativo, somente mudei a área de uso e consegui achar funcionalidade real e ganhar dinheiro com ela.

E então quando eu estou de boa, curtindo esse lugar que finalmente conquistei, de paz com meu trabalho, me saciando tanto a mente quanto o corpo e me dando um papel legal pra cumprir dentro do meio que me traz motivação... puf... a arte volta para me cobrar. Parece que inconscientemente eu precisei deixar de lado a questão artística para conseguir me resolver enquanto meu lugar mais pragmático no mundo e agora com esse processo mais bem resolvido, eu me permito me abrir de novo para a demanda de uma produção mais sensível que ficou esperando durante esse tempo todo, adormecida.

Só que eu me dessensibilizei para poder cumprir o processo anterior. E essa dessensibilização foi tão profunda que é quase como voltar a um estado mais primitivo. Como se reiniciasse o sistema e esse processo criativo sensível tivesse que ser reinstalado ou reaprendido. Acho que é nessa lógica que inconscientemente eu estou operando. Acredito que isso explica e dá sentido às últimas duas semanas em que eu sofri porque não consegui me aproximar desse projeto e que por não conseguir me aproximar do projeto, sofria. Quer dizer: uma trava que se retro alimenta e que eu reconheço como parte do processo também. É um sofrimento que dá sentido a essa busca por me investigar e que é onde me encontro agora.

Conseguir escrever e colocar materialmente tudo para legitimar a coisa toda espero que abra caminho para um lugar de maior consciência sobre meu processo e conseqüentemente de maior domínio dele.

Eu já fui discriminado por outros artistas, galeristas, curadores, professores de arte, ou críticos, por conta da minha paternidade?

Sim, já fui discriminado. Eu estava com o Caetano assistindo a uma aula da graduação. A professora, muito querida por mim, fez um comentário sobre eu estar esperando o outro filho. A notícia para essa professora me soou como uma tristeza para ela. Ela falou algo do tipo: *“Outro? Não bastava um? Você precisa pensar na sua carreira”*. Eu me senti muito discriminado nessa fala. Como se ter filhos fosse estragar minha carreira. Durante alguns meses a fala dessa professora me trouxe tristeza e me soou como se eu nunca mais fosse pensar em mim mesmo ou em minha produção artística.

Como eu descreveria as diferenças de tratamento entre artistas homens com filhos e artistas mulheres com filhos?

Desconfio que a diferença de tratamento está intrinsecamente ligada às mesmas diferenças de privilégio entre homens e mulheres em qualquer mercado de trabalho ou fora dele.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto pelos relatos femininos percebo que, obviamente situando todo o sofrimento, toda a questão hormonal, e toda a questão relacionada à construção social da maternidade em relação especificamente ao território da arte (academia e mercado), a paternidade traz questões, complexidades e dificuldades muito semelhantes às trazidas pela maternidade. Porque trago a visualidade e a presença do filho nesse território. A questão que a maternidade/paternidade, a criação de um ser que não se incorpore nas instituições, é algo que perturba a ordem. Nesse sentido, levar essa visualidade (essa perturbação) às instituições, já é também um experimento.

Algumas perguntas eu trago para esse experimento:

Por que a criação de um filho não pode ser uma criação artística?

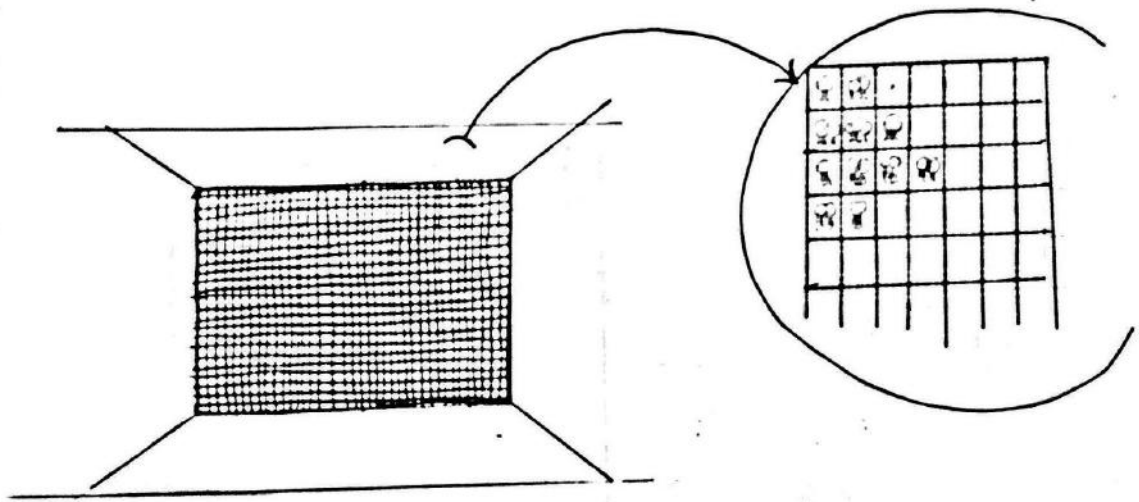
Por que a arte manutenção incomoda tanto?

Por que o cuidado não pode atravessar a minha criação artística?

As respostas a essas perguntas dizem muito a respeito da coragem dos proponentes em enfrentar as normas rígidas das instituições.

FORMALIZAÇÃO ESTÉTICA 2

Instalação: *Morph da família*



O trabalho consiste em um painel mural de colagem lambe-lambe que ocupa a área total de uma parede. A colagem é construída com uma série de fotos no formato 3x4cm diagramadas em colunas e preenchendo todo o espaço da parede.

O conteúdo das fotos são variações de todas as possibilidades de composições entre os quatro membros da família, totalizando 15 possibilidades mais uma que é o vazio. Dentro dessas possibilidades são produzidas centenas de fotos únicas combinando um momento e uma possibilidade de combinação.

BIBLIOGRAFIA

MACÊDO, Silvana. Expressão do poder materno na arte contemporânea. Seminário Internacional Fazendo o Gênero 11 & 13º Mundos de Mulheres. Florianópolis 2017

OITICICA, Hélio. *Experimentar o experimental*. São Paulo: Programa Hélio Oiticica, Itaú Cultural, 1972. Folhas datilografadas. Último acesso em 28/10/2020. Disponível em:

https://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/index.cfm?fuseaction=documentos&cd_verbete=4468&cod=362&tipo=2

PEDROSO, Néri. Arte de resistência: a representação do maternal na arte contemporânea postado em 06/10/2007

<https://catarinas.info/arte-de-resistencia-representacao-do-maternal-na-arte-contemporanea/>

SILVA, Anna Corina. Experimentar a arte, experimentar a si: Helio Oiticica, entre memórias e parangolés. UNIRIO, XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio 2010.

UKELES, Mierle Laderman. “Manifesto Para Arte da Manutenção”. Revista Rébus, 5/09/2019. Trad. Thais Madeiros. (publ. orig. Artforum Review january 1971 vol.9, nº5, p.41) - último acesso 28/10/2020 :

<https://rebuspress.wordpress.com/2019/09/05/manifesto-para-arte-da-manutencao-miele-laderman-ukeles/>

VARELLA, Paulo. O manifesto de Mairle Ukeles e o que devemos aprender com el. Revista Arte Ref. 18 de meio de 2019 - último acesso em 28/10/2020.

<https://arteref.com/diversos/o-manifesto-de-mierle-ukeles-e-o-devemos-aprender-com-ela/>